



Nisia Trindade Lima Trajetória Profissional

Costumo dizer que a Fiocruz tem sido para mim uma grande escola profissional e de vida. Desde que ingressei na instituição, em 1987, na gestão de Sergio Arouca, venho exercendo atividades como pesquisadora, professora e gestora, descobrindo em cada momento novas possibilidades e novos desafios. Participei, ao lado de muitos colegas, de atividades de produção de conhecimento, educação e criação de novos setores e programas. Vivemos períodos de dificuldades, outros de imenso otimismo, mas todos foram ocasião de ampliação das redes de cooperação, diálogo, inovação, reorientações e aprimoramento. As pesquisas em história da saúde no Brasil no século XX demonstram o engajamento de profissionais desta instituição em um projeto nacional que, há décadas, visa articular pesquisa, ensino, atenção, desenvolvimento tecnológico e a oferta de produtos e serviços em saúde, promovendo a concepção e implementação de políticas públicas para a população brasileira.

Essa história, objeto de meus estudos, começou em 1900, ano de criação do Instituto Soroterápico Federal, logo depois Instituto Oswaldo Cruz (IOC), que daria início à Fiocruz e à sua presença crescente no território do país. Esse sentido de integração conjunta e diária a um vasto programa – de ciência e saúde pública, de país e de futuro – me faz pensar em trecho de importante livro de um de meus escritores preferidos, o mineiro Guimarães Rosa. É Riobaldo, personagem de *Grande Sertão Veredas*, quem nos diz:

“(...) porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada. O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando”.

É, pois, da identificação com a proposta da Fiocruz como construção de todos, que não está terminada porque está sempre enfrentando novos desafios, que gostaria de falar neste texto. O momento é de apreensão quanto ao futuro do país, e queremos trabalhar para que a Fiocruz siga se aperfeiçoando para o Brasil e seus trabalhadores no século XXI. Essa convicção, na união de esforços e convergência de projetos com respeito às diferenças, vem orientando minha trajetória profissional. Na verdade, a construção coletiva da Fiocruz como instituição nacional é o que mais me anima a entrar em campanha à presidência.

Nasci no dia 17 de janeiro de 1958 e vivi meus primeiros anos no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, na rua Machado de Assis, onde ouvi de meu pai, o baiano de Condeúba Nivaldo de Assis Lima, as primeiras histórias sobre o Brasil, sua literatura e potencial de transformação social. Foi durante o ensino médio e devido à admiração pela professora de Sociologia que decidi cursar ciências sociais, tendo ingressado na UERJ em 1976.

Durante a graduação aderi à principal bandeira do movimento estudantil à época, a defesa da democracia, e participei da construção do centro acadêmico de ciências humanas da universidade. Com o término da graduação, logo tornei-me professora em escola estadual em Nova Iguaçu e em faculdades particulares. Também fui mãe cedo e ao exercício da docência e cuidado dos filhos, aliei o mestrado em Ciência Política, iniciado em 1982 no prestigiado IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro), hoje IESP (Instituto de Estudos Sociais e Políticos) da UERJ. Minha dissertação, intitulada “O Movimento de Favelados do Rio de Janeiro: Políticas do Estado e Lutas Sociais” procurou reconstituir ações que ocorreram em favelas do Rio de Janeiro, no período demarcado pela criação da União dos Trabalhadores Favelados em 1954 e pelas mobilizações organizadas pela Federação de Associações de Moradores de Favelas (FAFEG) contra a política de remoções adotada pelo Estado de 1962 a 1973. Apesar de o trabalho ter sido defendido há pouco mais de 25 anos, seu tema tem grande atualidade em movimentos como o do direito à cidade e na luta contra a violência e altas taxas de mortalidade entre crianças e jovens, e a ele continuo dedicada por meio de projetos integrados de pesquisa recentes financiados pela FAPERJ e pelo CNPq. Esses projetos geraram publicações, seminários e atividades de divulgação científica, como a exposição “O Rio que se queria negar: as favelas do Rio de Janeiro no acervo de Anthony Leeds”. A exposição encontra-se hoje no Parque da Ciência, no campus de Manguinhos da Fiocruz, depois de temporada inicial no Museu da República, como parte da programação dos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro em 2015.

Enquanto desenvolvia a pesquisa para a dissertação de mestrado e redigia seus capítulos, passei a integrar, em 1987, o quadro de pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz (COC). O contexto da reforma sanitária, na sua luta pela redemocratização do país e em defesa de um novo modelo de saúde, imprimiu à COC missão institucional particular. Trata-se da ideia de que a pesquisa histórica sobre as ciências e a saúde é fundamental para a reflexão crítica sobre a sociedade brasileira. Muito me honra ter integrado a primeira geração de pesquisadores recrutados por Paulo Gadelha para a

implementação desta criativa iniciativa institucional no âmbito de um instituto de pesquisa biomédica e de saúde pública.

Meu trabalho inicial na unidade foi o projeto ‘Memória da assistência médica da previdência social no Brasil’, realizado entre os anos de 1986 e 1988. Nossa equipe tratou de reunir depoimentos orais de personagens que participaram da constituição do sistema previdenciário no país. Nesses anos, travei contato também com os acervos da instituição, nos quais encontramos documentos textuais e fotográficos preciosos para a análise das relações entre ciência e conhecimento do território nacional, ideias e políticas de saúde. Desse material avultam referências às viagens científicas do Instituto Oswaldo Cruz, feitas especialmente na década de 1910, com a visão do papel da ciência para a construção do Estado Nacional. Outra documentação importante que conheci à época é aquela relacionada ao movimento sanitário dos anos 1916 e 1920, a atestar a grande participação de quadros do IOC em campanha nacionalista que denunciava a situação de abandono e doença dos sertões brasileiros. Essa experiência foi fundamental para o meu encaminhamento ao doutorado e esses dois temas tornaram-se motivos de longevas parcerias intelectuais com colegas da unidade e agenda de pesquisa na etapa seguinte de minha formação.

Se compreender a história da existência de dois Brasis - o urbano e o rural, o “moderno” e o “atrasado” – foi importante na dissertação, mais imperativo ainda se tornou no doutorado em sociologia ao qual dei início em 1992, igualmente no IUPERJ. Nos dois casos, tratou-se de buscar entender, tanto no presente quanto no passado, as formas de representar os contrastes de uma sociedade desigual e hierarquizada, da qual parece distante a conquista plena da cidadania. Minha tese, *Um Sertão Chamado Brasil*, foi defendida em 1997. Conquistou o Prêmio de Melhor Tese de Doutorado em Sociologia no IUPERJ, foi editada em livro (Revan/IUPERJ, 1999) e já se encontra em sua 2ª edição (Hucitec, 2013).

As ideias apresentadas no livro vêm inspirando trabalhos acadêmicos em áreas disciplinares diversas, como sociologia, história, saúde coletiva, geografia, letras e educação. Além de questões de pesquisa, minhas dissertação e tese, e os artigos científicos e capítulos de livro delas decorrentes, expressam a importância de reflexões e ações para a superação dos dilemas da sociedade brasileira. Esse foi o contexto original que moldou as minhas pesquisas de pós-graduação, minha agenda profissional na COC e a participação na política institucional da Fundação Oswaldo Cruz, com forte adesão e entusiasmo ao seu modelo de gestão participativa. Por essa razão, atuei como relatora do

1º Congresso Interno, em 1988, e desde então tenho participado de todos os congressos e fóruns de decisão dos rumos institucionais. Também dei início, naqueles anos, à minha atuação como gestora.

Fui, assim, chefe do departamento de pesquisa da COC (1989-1991), sua vice-diretora (1992- 1994) e diretora da unidade entre os anos de 1998-2005. Nesses anos iniciais de vínculo, integrei o grupo de trabalho de educação e divulgação em ciência da Fiocruz, assim como participei da equipe de elaboração do projeto do Museu da Vida, com Gilson Antunes, Virgínia Schall e outros profissionais de diferentes unidades sob a liderança de Paulo Gadelha, então diretor da COC. Durante o período em que dirigi a unidade, em 1999, o Museu foi inaugurado com a concepção de ampliar o diálogo entre a ciência e a sociedade.

Em 2000, tive a honra de receber a Medalha do Centenário da Fundação Oswaldo Cruz, assim como de integrar a coordenação de atividades para participação da instituição nas comemorações dos 500 anos da descoberta do Brasil. Os 500 anos do Brasil e os 100 anos da Fiocruz estavam interligados nas iniciativas planejadas. Dentre elas, concebemos e montamos a exposição itinerante “A Ciência dos Viajantes - Natureza, populações e saúde em 500 anos de interpretações do Brasil”. Nela o visitante tinha contato com material diverso de cronistas, naturalistas, médicos e cientistas dos séculos XVI ao XX, como relatos de viagens, iconografia e peças de acervo, que permitiam compreender o trabalho que realizaram durante cinco séculos de trabalho de campo no território brasileiro.

Como diretora da COC, exerci ainda em duas ocasiões (2003 e 2005) a coordenação nacional da Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente, projeto educativo promovido pela Fiocruz, hoje em sua 8ª edição, e que engloba diversas unidades, no Rio de Janeiro e nos demais estados, para estimular o desenvolvimento de atividades interdisciplinares em prol da educação, saúde e meio ambiente nas escolas de todo o país. Na direção, firmei ainda parceria com o Ministério da Cultura (MINC), por meio do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), para o incremento de políticas de preservação do patrimônio cultural da saúde, concentrado, em larga medida, nas próprias edificações da Fiocruz.

Marca importante de minha gestão como diretora da COC foi a criação do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS) em 2000, com sua primeira turma de mestrado e doutorado em 2001. Atualmente, depois de 15 anos de experiência acumulada, o programa conta com o conceito 5 na área de História

da Capes, sendo único no Brasil, por suas linhas de pesquisa, liderança no campo e forte caráter interdisciplinar.

Outro aspecto de minha direção na COC foi o trabalho integrado com outras unidades da Fiocruz e instituições. Isto porque desde o início percebi se encontrar na diversidade de nossa Instituição e de seus campos de trabalho uma de nossas principais riquezas. A esse respeito, considero relevantes os trabalhos de concepção e coordenação de equipes de curadoria e execução de exposições de divulgação científica, como a exposição "Carlos Chagas", elaborada em comemoração aos 90 anos da descoberta da doença de Chagas, em 1999, uma parceria com o Centro de Pesquisa René Rachou e a Associação Brasileira de Saúde Coletiva — Abrasco, e a exposição "Visões da Amazônia: cultura, ciência e saúde", realizada com o Instituto Leônidas e Maria Deane - ILMD – Fiocruz AM (2000).

Em linha semelhante de atuação, foram organizados eventos acadêmicos e de divulgação científica, exposições, livros e números especiais de periódicos científicos com análises em história da saúde pública no Brasil, feitos em parceria com Biomanguinhos, ENSP, IOC, ILMD, e Biblioteca de Obras Raras (ICICT). Esse perfil da gestão na COC, do trabalho interdisciplinar em redes integradas de colaboração, tenho mantido e valorizado. Para não ser exaustiva, enfatizo produções bibliográficas feitas em parceria com colegas de diferentes unidades da Fiocruz: Imunização no Brasil. História e Perspectivas (História, Ciências, Saúde-Manguinhos, 2003); Uma escola para a saúde (Ed. Fiocruz, 2004); Saúde e Democracia: História e Perspectivas do SUS (Ed. Fiocruz, 2005); Saúde coletiva como compromisso: a trajetória da Abrasco (Ed. Fiocruz, 2006); História dos Trabalhadores da Saúde (Abrasco, 2008); Saúde Coletiva: a Abrasco em 35 anos de história (Ed. Fiocruz, 2015).

Na direção da COC procurei pautar minha gestão pela valorização dos servidores, ampliando as oportunidades de capacitação e desenvolvimento profissional, atenta, ao mesmo tempo, à contribuição dos estudantes e dos trabalhadores com os mais diferentes vínculos. Sempre entendi ser a política de educação permanente, que defendemos para o SUS, uma base fundamental para o desenvolvimento dos trabalhadores que atuam na Fiocruz. Entre outras iniciativas inovadoras na gestão, constituímos um núcleo de informática que muito contribuiu, através de um programa de formação, para o desenvolvimento de jovens estudantes do Ensino Médio, muitos deles hoje servidores contribuindo com ótimas ações nas áreas de tecnologia da informação e inclusão digital.

Encerrado o trabalho na direção da COC depois de dois mandatos, passei a

integrar a equipe da Vice-Presidência de Ensino, Informação e Comunicação (VPEIC) como editora científica da Editora Fiocruz, cargo no qual permaneci até março de 2011, quando, a convite de Paulo Gadelha, assumi a vice-presidência. Durante o período em que exerci a editoria científica, dei continuidade a trabalhos de colaboração interunidades da Fiocruz, como na criação da especialização em História da Saúde na Amazônia, em parceria com o ILMD - Fiocruz AM, e com o IOC na comissão organizadora dos eventos integrantes da Comemoração do Centenário da descoberta da doença de Chagas, ambos em 2009. Ainda à frente da Editora Fiocruz, com Ricardo Ventura Santos e João Canossa, dei início ao trabalho de negociação e cooperação para a implementação da Rede SciELO Livros.

Como vice-presidente de ensino, informação e comunicação, dediquei-me a promover maior integração entre os programas, a estimular o pensamento crítico e propostas alternativas ao sistema de avaliação da pesquisa e da pós-graduação; a valorizar o papel da Fiocruz na oferta de cursos de especialização; a promover a democratização da informação e do conhecimento, através da política de acesso aberto ao conhecimento e da percepção da comunicação como um bem público. Todas essas ações levaram em conta a presença da Fiocruz em diferentes estados brasileiros, tanto através da existência de unidades consolidadas ou em fase de implantação quanto pela influência decorrente de cooperação com outras instituições.

No campo da informação e comunicação merece destaque a coordenação dos processos de formulação da Política de Acesso Aberto ao Conhecimento, da Política de Comunicação e das Diretrizes para Classificação da Informação no âmbito da Lei de Acesso à Informação (LAI).

A rigor, o acesso aberto ao conhecimento é um princípio praticado pela Fiocruz há muitos anos, o qual compreende a informação como um bem público, buscando estabelecer laços entre a produção e o uso do conhecimento, reforçando as relações entre ciência e sociedade. A formulação e implantação de uma Política de Acesso Aberto ao Conhecimento, aprovada e em vigência desde março de 2014, representa um enorme avanço para que este princípio seja incorporado aos processos que resultam na produção do conhecimento para a sociedade. O Repositório Institucional Arca, administrado pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT/Fiocruz), é o principal instrumento de realização dessa política, atendendo ao objetivo de reunir, hospedar, preservar e tornar disponível a produção científica da instituição. Além do repositório institucional, a Fiocruz participa de outros fóruns em

apoio ao acesso aberto, destacando-se a Rede de Bibliotecas Virtuais em Saúde (BVS), coordenada pela OPAS/OMS/Bireme. Como política de indução, a VPEIC lançou, em 28 de maio de 2014, o Programa de Apoio às Bibliotecas Virtuais em Saúde da Fiocruz em parceria com o ICICT. Com a adoção dessa Política, evidenciada também pela já citada Rede da SciELO Livros e por seus periódicos científicos, a Fiocruz está sintonizada com o Movimento Internacional de Acesso Aberto ao Conhecimento, que conta hoje com o apoio de inúmeras universidades e institutos internacionais. Ações de difusão, valorização e integração dos periódicos científicos se constituíram em preocupação permanente dando origem ao Fórum dos Editores Científicos e ao Portal Periódicos Fiocruz, lançado em março de 2015.

Em consonância com seu papel de instituição pública e estratégica de Estado e ao entendimento de que se fazem necessários o conhecimento aprofundado, a avaliação e a valorização da pesquisa realizada pela Fiocruz dediquei-me durante a gestão na VPEIC, em conjunto com a VPPLR e em parceria com grupos de trabalho de diferentes unidades, à criação do Observatório em Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde, uma plataforma geradora de informações estratégicas e de conhecimento em apoio à pesquisa e ao desenvolvimento institucional. O Observatório será lançado no dia 27 de setembro de 2016 tendo entre seus objetivos o de superar as limitações do modelo vigente de avaliação, preponderantemente pautado por uma lógica na qual indicadores quantitativos são utilizados como critérios de qualidade, desconsiderando-se a diversidade da dinâmica de produção do conhecimento e de sua apropriação pela sociedade.

Tais orientações também estiveram presentes na coordenação das ações visando ao aperfeiçoamento dos cursos de pós-graduação estrito e lato senso. No que se refere aos primeiros, destaca-se a criação do Programa de Excelência, com o objetivo de apoiar os cursos e respeitar sua diversidade, contribuindo para o desenvolvimento de suas potencialidades. Ainda que a atuação da VPEIC tenha se pautado por uma perspectiva crítica frente ao atual sistema de avaliação, buscamos contribuir para o desempenho de todos os programas. No período houve sensível aumento dos programas com nível 5, 6 e 7, além de importantes premiações a teses e dissertações. Iniciativas inovadoras como o Programa Capes Brasil Sem Miséria e o Doutorado Internacional em Saúde e Direitos Humanos, em colaboração com o CES-Universidade de Coimbra, além de sua relevância, geram aprendizados cruciais para ações mais integradas e voltadas para o impacto social do conhecimento. Destaque especial deve ser dado à atuação da Câmara Técnica de Ensino e à colaboração do Fórum das Unidades Regionais das quais resultaram iniciativas

de maior integração e disciplinas compartilhadas.

No âmbito dos mestrados profissionais, foi possível avançar em propostas junto à Capes para o aprimoramento da avaliação e valorização da especificidade dessa formação, além da consolidação do Mestrado Profissional da Rede Nordeste em Saúde da Família e da criação de um novo mestrado em rede – o PROFSAÚDE – mestrado em saúde da família proposto em parceria com a Abrasco, a Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM), a Sociedade Brasileira de Medicina da Família e de Comunidade e um conjunto de 29 universidades. Trata-se de iniciativa pioneira na área da saúde e que contribuirá para o objetivo de caráter mais estruturante do Programa Mais Médicos para o Brasil – o de mudar o processo de formação, com ênfase na integralidade e na percepção da saúde como direito, princípios fundantes do SUS.

No que se refere aos cursos de especialização, vimos alcançando, também com forte protagonismo da Câmara Técnica de Ensino, uma expressiva integração e, desta forma, tornou-se possível num esforço conjunto de todas as unidades, sob coordenação da VPEIC, darmos um passo decisivo no credenciamento da Fiocruz como Escola de Governo em Saúde, pelo Ministério da Educação. Com isto reforçamos nosso papel de centro formador, de atuação em rede e de fortalecimento da perspectiva da educação permanente. Também no que se refere à formação técnica de nível médio, missão da EPSJV, além da constituição de um grupo de trabalho visando ao aprofundamento das contribuições institucionais e de sua maior valorização pelas políticas de educação em saúde, vimos apoiando iniciativas de formação dos trabalhadores em saúde.

Construir alternativas e buscar a consolidação do SUS, democratizar o acesso ampliado a recursos e informações são as principais diretrizes das ações educacionais. Com esta perspectiva, participo do Conselho Consultivo do Sistema Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS), cuja secretaria executiva é exercida pela Fiocruz, além de acompanhar as atividades do Campus Virtual de Saúde Pública (<http://www.aulas.cvspbrasil.fiocruz.br/>). Trata-se de um espaço online de comunicação e aprendizagem, resultado de uma parceria entre a OPAS e a Fiocruz/Ministério da Saúde. Nesta mesma perspectiva, em minha gestão à frente da VPEIC será lançado o Campus Virtual Fiocruz, com o objetivo de dar visibilidade e integrar as ações do ensino, além de promover o uso de recursos educacionais abertos. Com estas ações integradas das áreas de ensino e informação, a VPEIC vem também contribuindo para o desenvolvimento da Escola Corporativa da Fiocruz, iniciativa das mais relevantes para o desenvolvimento institucional e a valorização dos servidores.

O papel da Fiocruz como instituição educacional supera as ações formais de ensino e encontra na divulgação científica um de seus mais fortes componentes. Com este entendimento e como resultado de uma ação da qual participaram diferentes unidades, coordenei o processo que resultou na concessão pelo CNPq do Prêmio José Reis de Divulgação Científica à Fiocruz, em 2015, e tive a honra de proferir durante a 67ª reunião da SBPC a conferência como representante da instituição laureada.

O trabalho colaborativo em rede, tão caro à Fiocruz e tão difícil de ser concretizado, sempre mereceu meu engajamento institucional, quer em ações de ensino, quer na pesquisa. Desta forma como contribuição às ações realizadas pela Fiocruz frente à epidemia de Zika, venho coordenando uma rede de pesquisadores dedicados à abordagem interdisciplinar de um fenômeno de imensa gravidade, ao afetar o nascimento e a vida de tantas famílias, com impacto ainda não mensurado para a ciência, a saúde, a qualidade e os projetos de vida. Trata-se, portanto, como em todas as epidemias, de dimensões humanas que devem estar no centro das preocupações e requerem o engajamento e a colaboração dos cientistas sociais.

Com este relato, pretendi demonstrar as relações entre minha formação e atuação acadêmicas e meu compromisso com a ação política, pública e institucional. Destaco minha capacidade de trabalho integrado, a colaboração com equipes interdisciplinares, atuação pautada em valores como transparência e defesa de um Brasil mais justo e equânime. É grande a minha identificação com o papel da Fiocruz como instituição estratégica de Estado, para o desenvolvimento social, científico e da saúde como direito de todos os brasileiros. Essas são expressões de meu encontro com a história da instituição, seu modelo de gestão participativa, sua complexidade e riqueza de conhecimentos e práticas.

Em minha trajetória as atividades de articulação interna e externa e de gestão integrada de nossa instituição foram crescentemente assumindo um papel primordial. Sinto-me preparada para assumir os desafios do presente e contribuir para a construção do futuro institucional. São quase 30 anos de atuação, com destaque para os 8 anos como diretora da COC e os 11 anos em atividades na VPEIC, os últimos cinco na posição de vice-presidente. Ao longo desse período, procurei contribuir das minhas diferentes formas para o fortalecimento da gestão participativa, seja atuando nos congressos internos, nas câmaras técnicas, além de buscar promover ações integradoras no âmbito do Conselho Deliberativo.

Acredito na necessidade de termos uma Fiocruz forte, integrada e unida para lidar

com um contexto nacional e internacional dos mais difíceis em nossa história. Para isto é necessária a participação de cada um dos trabalhadores desta Instituição, uma construção permanente, baseada no diálogo e no compromisso de todos. A lembrar Riobaldo, isso é o mais importante e bonito do mundo. Da Fiocruz também.

Currículo Completo em Plataforma LATTES/CNPq, http://lattes.cnpq.br/9875792051158852
FORMAÇÃO ACADÊMICA
DOUTORADO em Sociologia (IUPERJ, 1997); MESTRADO em Ciência Política (IUPERJ, 1989); GRADUAÇÃO - Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais (UERJ, 1976 a 1980).
GESTÃO E COORDENAÇÃO DE PROJETOS INSTITUCIONAIS
1. Vice-Presidente de Ensino, Informação e Comunicação da Fiocruz. 2011 -atual
2. Membro do Gabinete de Enfrentamento a Emergências em Saúde Pública da Fiocruz. 2016
3. Criação do PROFSAÚDE. 2014
4. Coordenação do Fórum dos Editores Científicos e do Portal Periódicos Fiocruz. 2015.
5. Coordenação do Comitê de Regulação da Política de Acesso Aberto ao Conhecimento da Fiocruz. 2014
6. Coordenação do Programa de Apoio às Bibliotecas Virtuais em Saúde da Fiocruz. 2014
7. Criação do Observatório em Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde. 2013- 2016.
8. Coordenação Geral do Campus Virtual Fiocruz. 2013 – 2016.
9. Coordenação da Política de Comunicação e das Diretrizes para Classificação da Informação no âmbito da Lei de Acesso à Informação (LAI). 2012
10. Membro do Conselho Consultivo do Sistema Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS). 2011
11. Coordenação das Semanas Nacionais de Ciência e Tecnologia na Fiocruz. 2011-atual
12. Implementação da Rede SciELO livros. 2010.
13. Editora Científica da Editora Fiocruz. 2006 – 2011.
14. Coordenação das atividades da Fiocruz no Ano do Brasil na França. 2004 – 2005.
15. Coordenação Nacional da Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente. 2002 – 2006.
16. Diretoria da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. 1998 – 2005.
17. Vice-Diretoria da Casa de Oswaldo Cruz. 1992-1994.
18. Chefia do Departamento de Pesquisa da COC. 1989 – 1991.
ATIVIDADE DOCENTE
- Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da COC/Fiocruz, 2001 -atual; Especialização em História da Saúde na Amazônia. ILMD/Fiocruz-AM. 2010-2012; Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, ENSP/Fiocruz. 1998 – 1999.
Orientações e supervisões concluídas: 3 estágios de pós-doutorado, 5 teses de doutorado, 5 dissertações de mestrado, 21 bolsistas de iniciação científica.
Orientações em andamento: 1 estágio de pós-doutorado, 3 teses de doutorado, 2 bolsistas de iniciação científica.
PRODUÇÃO CIENTÍFICA
Artigos científicos: 36
Livros autorais, organizados e números especiais de periódicos científicos: 17
Capítulos de livros: 38
Textos em jornais e revistas: 11
Participação em eventos e congressos: 111
Organização de eventos: 35